

## *Percurso on-line:* convite à navegação

*No dia 25 de outubro, realizou-se o encontro entre autores e leitores para a discussão dos artigos do nº 18 de Percurso. O texto a seguir é o que foi elaborado para a abertura do debate.*

Há poucas semanas, numa rápida conversa com o Renato, fiquei sabendo que a *Percurso* instalou recentemente um serviço de atendimento telefônico, o "Ligue *Percurso*", destinado a oferecer aos interessados informações sobre a revista e implementar a captação de assinaturas. Soube também que existe a idéia, que ainda está em fase de elaboração, de instalar uma *homepage* da *Percursona* Internet. São informações que, de imediato, me fizeram pensar nas exigências dos novos tempos, na necessidade de desenvolver novos recursos, na rapidez e na destreza requeridas para responder com novas soluções a questões também novas que se colocam cada vez mais no nosso dia a dia. A psicanálise já tem espaços na rede, *sites* e endereços eletrônicos há algum tempo; as *Obras Completas* já estão em CDROM e mesmo o filme sobre os últimos anos de Freud, que vimos aqui recentemente, logo também poderá ser visto nos monitores dos nossos computadores domésticos. Instalar o "Ligue *Percurso*" e a *homepage* é simplesmente inserir a nossa revista nessa tendência contemporânea.

A conversa e minhas associações sobre essas inovações se dissiparam e mergulhei na leitura dos artigos deste número da revista, tendo em vista minha tarefa de introduzir este debate. Em busca de uma imagem que me ajudasse a figurar as impressões que surgiram ao longo da leitura, voltei a lembrar-

me da *Percurso* "ligada", "na rede", chamada a responder às exigências do contemporâneo, não apenas pela sua inserção nos novos meios de comunicação eletrônica, é claro, mas principalmente pela natureza particularmente conectada dos artigos que compõem este número. O conjunto da revista me causou grande impacto justamente pela intensidade e competência com que os textos abordam questões limite do campo atual. São artigos que não temem fazer trabalhar a teoria psicanalítica em função de questões que, vindas diretamente da clínica, põem em cheque os limites da técnica e o alcance da metapsicologia. Continuando a recorrer a imagens vindas do campo da informática, penso que artigos como os que temos neste número correspondem ao que seria um processo de *upgrade*, o que seria, de certa forma, o aumento da capacidade de processamento dos nossos dispositivos clínicos e teóricos. Os artigos deste número resultam de uma exigência de trabalho nessa direção. Eles me parecem estar funcionando com a potência de um processador *Pentium*, buscando fazer o que poderíamos denominar como "psicaná-

lise de ponta".

Este número de *Percurso* não é temático, ou seja, não toma a princípio um eixo de referência, seja ele a obra de um autor, como fizemos recentemente a respeito de Winnicott, ou um campo de articulação específico, como foi o número sobre psicanálise e arte. Nós sempre procuramos, nestes debates, distinguir o modo como os artigos conversam entre si e, como enfatiza o editorial, vamos vendo a revista tornar-se "um espaço de ressonância e de intercâmbio entre diferentes posições". Neste número, em particular, os textos parecem estar mais conectados do que de costume, de modo que, ao longo da leitura de muitos deles ocorriam-me passagens de outros, lidos dias antes. Quase como se os artigos estivessem compostos em hipertexto, certas passagens de uns funcionam como *links* que abrem janelas para outros. Há um trânsito intenso entre estes artigos e eles formam entre si uma rede com inúmeras conexões nas quais é possível "navegar". Tudo isso sem deixar de "ter as tripas como fundamento", formulação que Joel Birman utilizou quando esteve aqui no ano passado e que tomo emprestada para fazer contraponto a este fluxo de metáforas computacionais a que estou recorrendo. Esta expressão me vem à lembrança também, por certo, para trazer de volta a visceralidade da nossa prática. Em relação a números

anteriores, este tem mais artigos que se referem a situações de "corpo a corpo" surgidas no cotidiano do consultório, como é o caso dos artigos de Renata Cromberg e de Riva Schwartzmann, da rua, como nos faz ver Maurício Porto, do social refletido no noticiário, como é o caso do texto de Paulo Henrique Martins e da nossa forma peculiar de ser brasileiros, como observa Joel Birman. Esta dimensão de contatos intensos que os artigos acolhem e se esforçam por elaborar é que me trouxe tão fortemente a convicção do quanto esta revista está implicada nas questões do nosso meio e do nosso tempo.

A multiplicidade das conexões entre os artigos, esse efeito de rede que eles evocam, faz com que qualquer um deles possa servir como entrada para comentários e questionamentos mais aprofundados e fiquei com alguma dúvida quanto a por qual deles começar. Acabei optando por entrar no conteúdo da revista pela entrevista de Joyce McDougall, o que me pareceu interessante justamente por não se tratar de um escrito. Trata-se de uma entrevista abrangente, em que ela trata de uma multiplicidade de temas sem perder a profundidade. Penso em utilizar a entrevista como um mirante. Muitos destes temas são interrogados e elaborados com mais particularidade em outros artigos da revista. Assinalei algumas passagens da entrevista para que possamos ver como interagem com elas as reflexões presentes em outros artigos. Não se trata de estabelecer uma "linha de leitura" ou uma predominância da entrevista sobre o resto da revista. É só um modo de começar um movimento, uma navegação, que pode se estender igualmente às conexões entre os demais artigos e que pode ter continuidade depois, no nosso debate.

Paulo Ceccarelli foi muito generoso ao confeccionar este texto introdutório com o qual ele nos aproxima da pessoa da Joyce. Os elementos biográficos que ele oferece facilitam conexões e ampliam nossa compreensão das linhas fortes do pensamento dela. Algumas destas ligações tornam-se especialmente significativas já desde a epígrafe que ele escolheu, extraída de um artigo da própria Joyce:

“Para um psicanalista, publicar um livro dito de Psicanálise é também, de certa forma, se publicar, revelar um fragmento de si.”

Já nesta epígrafe há um *link*, que abre uma conexão com o texto de Ana Cecília Carvalho, a respeito da natureza da escrita. Ela trata da escrita literária mas podemos pensar no que, deste artigo, pode ser também válido para a escrita psicanalítica. Ainda do relato inicial, é muito significativa a informação de que o primeiro texto psicanalítico lido por Joyce foi *Psicopatologia da vida cotidiana*. É um texto no qual Freud se preocupa em evidenciar a flexibilidade, a multiplicidade das operações psíquicas, a continuidade entre o normal e o dito patológico, a interpenetração constante entre o inconsciente e o cotidiano. Este primeiro contato deve ter deixado forte impressão na Joyce adolescente, a ponto de despertar seu interesse em tornar-se psicanalista e se, como ela mesma diz na entrevista, “a psicanálise traz à luz os elementos inconscientes que determinam as opções sociais, políticas, culturais ou religiosas”, fica irresistível tomar a referência desta primeira leitura para acompanhar seus possíveis efeitos justamente naquilo que distingue a obra de Joyce: sempre me pareceu que o seu pensamento privilegia o movimento, a flexibilidade, a continuidade entre os processos psíquicos.

A concepção de uma teorização fluente que responde aos movimentos da transferência e da contratransferência é uma maneira de formular a relação entre a clínica e a teoria que evidencia esta continuidade. Nesta formulação há um outro *link* do qual é possível passar ao artigo de Daniel Kuperman, que faz um contraponto com esta posição de Joyce ao mencionar “uma cultura do teórico” que, a seu ver, está em marcha na produção psicanalítica atual, nas instituições de analistas e nas universidades. Acho esta colocação bastante inquietante e vou retomá-la mais adiante.

Em seus escritos, Joyce articula autores de diversas tendências, “fazendo ponte” sobre o Canal da Mancha e mesmo sobre o Atlântico e, na falta de respostas já elaboradas, ela não receia formular as suas próprias. O *link* aqui se multiplica, abrindo janelas com o artigo de Renata, que se refere aos autores aos quais recorreu para continuar a pensar diante dos impasses do atendimento, de Maurício, que recorre à história das cidades para pensar a experiência do AT, de Ana Maria Rudje, que vai buscar na mitologia referências para compreender a função da construção na situação analítica e de Alfredo Naffah, que faz sua interlocução com o pensamento de Nietzsche. Há nestes textos um uso de recursos e referências bastante flexível para, como a própria Joyce diz, “alargar a escuta para o trabalho analítico, para a reflexão sobre si mesmo e sobre as próprias concepções teóricas” de cada um.

A importância de questionar a teoria e procurar alargar o corpus teórico para forjar novas concepções em resposta a novos problemas clínicos é outra ênfase da entrevista. Há neste número da revista alguns artigos de maior densidade teórica, como o de Le Guen, o de Joel Birman e o de Paulo Ribeiro, que vão ao encontro desta formulação de Joyce, já que recolocam em movimento, sempre a partir da clínica, conceitos como o masoquismo, a feminilidade, a perlaboração, a sublimação, mas problematizando, descriminalizando estas noções e com isso estendendo seu alcance para além do vislumbrado pelo pensamento de Freud

A maneira como Joyce aborda as manifestações psicossomáticas, não como produto de uma estrutura específica mas como efeito de um transbordamento, de um excesso que a qualquer momento pode romper as possibilidades habituais de funcionamento do psiquismo, encontra uma conexão direta com o artigo de Riva sobre a Síndrome do Pânico, igualmente pensada como efeito de transbordamento mas com sua própria especificidade. Há todo um trabalho neste artigo para distinguir o destino deste excesso no pânico, que implica numa “ruptura da rede protetora de ligações afetivas e narcísicas”, como Riva propõe.

Joyce fala ainda, quanto aos transtornos psicossomáticos, de uma regressão a um funcionamento infantil e pré-linguístico, que traz à luz inscrições corporais que se instalam a partir das comunicações mais primárias na vida do bebê. O artigo que parece articular-se a estas considerações é o de Joel Birman, que resgata de Freud as referências ao que é vivido no plano do ego real original. Também é possível a abertura de uma janela para o artigo de Paulo Ribeiro, que se utiliza em seu texto da noção de sedução originária, tal como formulada por Laplanche.

Na última parte da entrevista, Joyce tece considerações a respeito do processo criativo, articulando os êxitos e impasses deste processo ao papel desempenhado pela maior ou menor integração dos desejos bissexuais. Um *link* faz conexão novamente com o artigo de Joel. A histerização de que ele fala, a positividade do feminino, não será um melhor destino da bissexualidade? O surgimento de um “estilo de ser” não pode ser pensado como um processo de criação? Joyce fala ainda de criação sendo possibilitada pela parte livre de sintomas da pessoa criadora e Ana Cecília, em seu texto, vai examinar justamente os limites da sublimação, um destino pulsional evidentemente parcial e às vezes perigosamente precário.

Saindo agora das conexões feitas a partir da entrevista e encontrando outras entre os demais artigos, ocorreu-me uma questão que faz *link* justamente entre o texto de Ana Cecília e o de Joel. Na pag. 24, ele traz a sua conversa com seu colega estrangeiro, referindo-se à erotização ainda presente na cultura brasileira e à dessexualização que caracteriza as culturas “normalizadas” (a européia e a norte-americana). Mais adiante ele menciona os “flagelos e terrores” engendrados pela normalização do erotismo. Pensando em Sylvia Plath, indaguei-me se seu destino poderia não ter sido o suicídio caso ela tivesse vivido em Ipanema, ou em Salvador, talvez... No mínimo ela teria podido recorrer a outros “estilos”, sem precisar apostar todas as suas chances na poesia como única forma de sublimação. Meio a título de associação livre, aliás, esta semana, procurando alguma coisa no índice da edição espanhola das

*Obras Completas*, dei-me conta de que o artigo de Freud “As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade” vem logo a seguir ao texto “Os escritores criativos e o devaneio”, que a Ana Cecília toma como referência do seu trabalho. Contiguidade sugestiva essa que me fez pensar, embora os textos de Freud tratem de temas aparentemente distintos, em aproximações eventualmente possíveis entre um e outro.

O artigo de Ana Cecília também tem possibilidades de articulação com o de Daniel Kupermann. Vou tentar formular o que pensei entre os dois. Como já mencionei, Daniel fala de uma “cultura do teórico em marcha na escrita dos psicanalistas”, apesar de tudo o que pensamos a respeito da continuidade entre a clínica e a teoria, e desenvolve seu ensaio sobre o primeiro Freud e o nascimento da clínica psicanalítica examinando os efeitos, para o melhor e para o pior, das noções de dor e de cura. Faz o esforço de um resgate destes aspectos que correm o risco de ser negligenciados pelos analistas, mais preocupados com o desenvolvimento do seu próprio saber. Ana Cecília, por sua vez, fala da escrita literária, particularmente da escrita poética, e da dimensão “tóxica” que esta escrita comporta, para além de suas possibilidades sublimatórias.

Bem, a escrita psicanalítica, com a qual estamos todos aqui implicados (afinal estamos reunidos para discutir uma revista...) tem um reconhecido parentesco com a escrita literária. Lembremos o que Joyce diz sobre publicar um pouco de si ao publicar um livro de Psicanálise. O artigo de Paulo Ribeiro, por seu turno, termina por assinalar a incidência dos pontos cegos, da resistência de Freud, sobre alguns impasses que surgem em sua teoria, atingindo em particular suas concepções sobre a feminilidade.

Todas estas linhas de pensamento me pareceram estar bastante entrelaçadas e fiquei interessada em pensar na “toxicidade” na escrita psicanalítica. Como será que ela se manifesta? Será que é quando a escrita se fecha, vencida pelas partes inacabadas da análise do analista? Será aí que se instala se distancia não só da dor do outro como da sua própria? São questões que me pareceram apontar a uma convergência destes textos, apesar de suas singularidades.

Também surgem conexões entre os artigos de Paulo Henrique Martins, de Joel, mais uma vez, e de Paulo Ribeiro. A ultrapassagem da referência fálica percorre os três artigos, embora em planos diferentes. No de Paulo Henrique, a violência contra a mulher surge como sintoma das dificuldades decorrentes da falência do patriarcalismo e de ser necessário reconhecer a alteridade no feminino, com a conseqüente reorganização do imaginário social. O artigo refere-se a uma modalidade de amor, “amor confluyente”, que seria o produto das alterações históricas ocorridas na vida privada e que implica na construção de uma nova intimidade afetivo-sexual, um redimensionamento das relações que tem como referência o feminino.

Joel, em seu artigo, aborda o surgimento de novos estilos de ser, também pela positividade do feminino. Seria possível pensar uma articulação entre o que Joel chama de estilo de ser e o que Paulo Henrique designa como amor confluyente? Um seria elemento ou condição de possibilidade do outro?

O artigo de Paulo Ribeiro, por sua vez, também parece conectar-se com o de Joel. A proposição de uma passividade pulsional, de uma feminilidade primária, parece encontrar ressonância na ênfase que Joel dá às vivências do ego real originário e os dois textos, além disso, fazem trabalhar os impasses de Freud em “Análise terminável e interminável”, tentando movimentar a rocha da castração.

Nos artigos de Renata e Maurício, o trabalho do Acompanhante Terapêutico surge como recurso de organização, até de constituição dos limites entre os espaços internos e externos, fazendo função de interface. São textos que fazem pensar novamente nos pontos que abordei logo no início, nas exigências do contemporâneo e na incidência destas exigências sobre a escuta do analista. A maneira como Maurício descreve as mudanças históricas do espaço da cidade até chegar à polifonia atual, que inclui e integra as formas anteriores, parece responder aos questionamentos de Renata, preocupada com a delicadeza dos limites, receosa de se misturar com a AT, tentando discriminar seu lugar que ameaçava se dissolver. A questão com que ambos se defrontam é delicada: como se reinventar como analista sem ficar surdo à polifonia do contemporâneo?

Estas considerações têm por finalidade dar início ao movimento do debate e logo vou passar a palavra aos autores e leitores, pois a tarefa de fazer conexões está se revelando da ordem de mais um “interminável”. Para um último comentário, de natureza mais abrangente, vou recorrer novamente a uma passagem do artigo de Joel na qual ele nos lembra da importância da ruptura teórica que Freud realiza no texto “As pulsões e seus destinos”. Ali é dada autonomia à noção de força pulsional e ganha impulso o ponto de vista econômico. Os destinos da pulsão e principalmente a precariedade destes, seus transbordamentos, parecem fazer uma exigência a mais ao nosso pensamento, exigência que praticamente todos os artigos deste número tentam acolher. Quando Ana Maria aborda a construção, aproximando-a do mito na sua função de produzir significações, quando Alfredo traz a problemática da envergadura psíquica e da capacidade de acolhimento do analista para possibilitar sua ampliação, quando Paulo fala da perlaboração, de sua semelhança com o trabalho do luto, do trabalho do eu e de suas transformações durante a análise e quando Ana Cecília interroga a sublimação, enfim, a força pulsional está aí, fazendo exigência às nossas tripas. Sempre que termino mais uma leitura deste texto de Freud, fico com a impressão de que quatro destinos é pouco e Freud nos deixou a árdua tarefa de pensar em outros ou, pelo menos, desdobrar as variações. Os artigos deste número estão aí, tentando responder a isso.

**Eliana Borges Pereira Leite** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica (PUC/SP), e professora do CEP de São José dos Campos.